

CONTATO COM A ARTE NO MORRO DA CONCEIÇÃO, RIO DE JANEIRO

CONTACT WITH ART IN MORRO DA CONCEIÇÃO, RIO DE JANEIRO

Carlaile Rodrigues
Universidade Federal Fluminense/UFF

RESUMO

O artigo investiga o contato com a arte no Morro da Conceição, Rio de Janeiro, e o processo de resignificação e construção simbólica das ações artísticas realizadas na região. Salientamos que a estrutura geográfica, monumentos históricos, manifestações culturais, tradições e costumes dos residentes, atores sociais que ali circulam e artistas que se instalaram no local ocasionaram conflitos na sociabilidade e influenciaram a receptividade das ações artísticas. Analisamos, ainda, a figura do fotógrafo/pesquisador que realiza intervenções a partir de sua presença no local.

Palavras-chave: Contato; Arte; Resignificações; Intervenções; Experiência.

ABSTRACT

The article investigates the contact with art in Morro da Conceição, Rio de Janeiro, and the process of reframing and symbolic construction of artistic actions undertaken in the region. We emphasize that the geographical structure, historical monuments, cultural events, traditions and customs of residents, social actors that circulate there and artists who settled in the place led to conflicts in sociability and influenced the receptivity of artistic actions. Also analyzed the figure of the photographer / researcher who conducts operations from its local presence.

Keywords: Contact; Art; Resignifications; Interventions; Experience.

O Morro da Conceição está localizado na Região Portuária do Rio de Janeiro. Sua ocupação iniciou-se em 1634. Em a *História dos Bairros – Gamboa, Saúde, Santo Cristo*, Cardoso et al. (1987, p.20) citam que “a cidade velha cresceu dentro de um quadrilátero delimitado pelos morros do Castelo, Santo Antônio, São Bento e Conceição”¹³. Nele, os autores enfatizam que uma devota, cujo nome era Maria Dantas, construiu uma ermida – pequena igreja campestre –, juntamente com seu marido, Miguel Carvalho dos Santos, para a Virgem Mãe da Conceição no alto de suas terras, em 1634. Segundo o estudo, a construção da capela foi uma forma que Maria Dantas encontrou de homenagear Nossa Senhora da Conceição, afirmar sua fé e para abrigar religiosos da Ordem dos Carmelitas – lideranças católicas devotas da Virgem Maria – que chegassem à nova terra para se dedicarem à religião e viverem reclusas. Assim, a região passou a ser conhecida por Morro da Conceição.

Historicamente, a ocupação do Morro da Conceição começou a ser efetuada pela Igreja Católica e a Coroa Portuguesa, na parte de cima, com a construção da capela citada; do Palácio Episcopal¹⁴ - residência de religiosas que desembarcavam no Brasil; e Fortaleza da Conceição¹⁵ - imponente monumento de defesa para evitar invasões de outros países, como a França. Em sua parte de baixo, a Igreja Católica também teve papel fundamental na ocupação com a edificação da Igreja São Francisco da Prainha. Nesta mesma área, conhecida como Pedra do Sal¹⁶, baianos, estivadores, trabalhadores negros e ex-escravos começaram a se instalar, trazendo seus cultos às entidades africanas, proporcionando uma cosmologia diversificada, influenciando as práticas e os costumes comuns dos moradores e a sociabilidade desse lugar, reconhecido especialmente pelos monumentos históricos que ainda se encon-

tram lá e pelas tradições culturais e religiosas mantidas por quem ali habita.

O espaço público é formado por ruas estreitas, vielas, becos, travessas, escadarias, escolas, pontos de comércio informal nas casas de alguns residentes, lojas de departamentos, restaurantes, bares, Conselho Tutelar e outros espaços. A população é constituída por cariocas, nordestinos, descendentes de portugueses e espanhóis e outros estrangeiros. Ali também existem ateliês (aproximadamente 15) e artistas que produzem suas obras nas calçadas e um calendário de festividades, exposições de arte, manifestações culturais e religiosas voltadas ao catolicismo e de culto às divindades afro-brasileiras.

Devido à quantidade de ateliês na região criou-se um ambiente de realização de ações artísticas. A região tornou-se mais conhecida, nos últimos 15 anos, após a organização de projetos de arte que aliam a possibilidade de o visitante conhecer as criações dos artistas que ali residem ou se instalaram e, ainda, desvelar o local, possibilitando o aumento do público e a visibilidade da área. Porém, de acordo com pesquisas bibliográficas e entrevistas realizadas com moradores, esses eventos artísticos são vistos com certa reprovação por parte considerável dos residentes.

Essas indagações nos levam a refletir sobre como a arte não é produzida em um vazio de relações sociais, sendo construída em contextos específicos que envolvem diferentes indivíduos que lhes dão sentido. A memória constituída socialmente e as experiências coletivas nos espaços de arte são dispositivos importantes dessa significação da arte. A arte incide sobre o espaço socialmente ocupado e experimentado, contribuindo para a sua construção simbólica. As iniciativas artísticas se juntam, portanto, a um espaço constituído de materialidade e experiências, sobre o qual atuam e têm existência de diferentes modos.

No Morro da Conceição, o Projeto Mauá¹⁷ tem sido uma das formas de expressão da arte difundidas desde 2002 e se integrou ao calendário de eventos organizados na região. Seu objetivo, conforme descrevem os integrantes da iniciativa em documento referente à edição de 2011, era descortinar o lugar por meio da arte produzida e de ações que ajudassem a estabelecer a relevância do local como pólo artístico, cultural, turístico e histórico, comprometido com a preservação da identidade local e a valorização dos patrimônios material e imaterial. A proposta diferencia-se da dinâmica de organização de exposições realizadas, por exemplo, em grandes museus ou centros culturais em determinados aspectos: a apreciação das obras, o contato com os artistas, a construção de relações sociais que nascem desse encontro, entre outros fatores. Quando um visitante adentra em um ateliê no Morro da Conceição, durante uma edição do Projeto Mauá, encontra-se não só em um espaço de criação e exposição artística, mas também em um local em que as conversas

acontecem no sofá da sala de estar ou na cozinha, atestando a informalidade, a intimidade, a confiança ou outros laços sociais e suas dimensões simbólicas. A própria composição geográfica da região, com seus monumentos históricos, casas antigas e outros elementos de arquitetura ligados à memória de quem vive ali, estimula o imaginário urbano. A resignificação e o contato estabelecidos entre os moradores e outros atores sociais e as ações artísticas que acontecem no Morro da Conceição se ordenam, assim, de acordo com a formação histórica, social, cultural, a memória e convivialidade dos residentes.

O acompanhamento das atividades do Projeto Mauá e a visualização das relações e experiências estabelecidas entre o público, nos remete às investigações de Dabul (2008) descritas em seu artigo “Conversas em exposição: sentidos da arte no contato com ela”. No texto, a autora aborda as diferentes práticas sociais realizadas em exposições e que possibilitam a produção de significados sobre as obras de arte, como a conversa e outras ações sociais,

13 Dos morros citados e que ainda existem na cidade, apenas o da Conceição ainda possui características residenciais. O Castelo foi derrubado, o Morro de Santo Antônio está localizado no Centro do Rio de Janeiro, onde atualmente abriga o Convento de Santo Antônio. Disponível em: <http://conventosantoantonio.org.br/historico>. Acesso em: 02 de outubro de 2014. Já o Morro de São Bento abriga o Mosteiro de São Bento e Colégio São Bento, também no centro do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.osb.org.br/mosteiro/index.php>. Acesso em: 02 de outubro de 2014.

14 O Palácio Episcopal deixou de ser residência para religiosos e, atualmente, abriga o Museu Cartográfico, no qual encontramos os mais antigos mapas do país. Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1938, o prédio incendiou-se na década de 1940, sendo restaurado pelo Serviço Geográfico. Disponível em <http://www.dsg.eb.mil.br/index.php/institucional/missao>. Acesso em: 04 de outubro de 2014.

15 A Fortaleza da Conceição abriga a 5ª Divisão de Levantamento do Exército Brasileiro, sendo um monumento tombado pelo IPHAN desde 1938. Disponível em: http://www.museusdoriorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&view=item&id=56:museu-cartogr%C3%A1fico-do-servi%C3%A7o-geogr%C3%A1fico-do-ex%C3%A9rcito Acesso em: 04 de outubro de 2014.

16 Na Pedra do Sal era descarregado o sal das embarcações que aportavam nas proximidades, em meados do século XVII. Tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) desde 1984, é considerada local sagrado devido aos rituais e oferendas ali depositadas em culto às entidades espirituais cultuadas pelos escravos.

17 O Projeto Mauá é uma iniciativa realizada, desde 2002, pelos artistas que moram ou possuem ateliês no Morro da Conceição. Durante o evento, os ateliês da região ficam abertos para exposição, gratuitamente, e também são realizadas atividades paralelas, como apresentações musicais pelas ruas e oficinas de arte. Acontece, geralmente, em paralelo à Festa de Nossa Senhora da Conceição. A proposta contribuiu para aumentar a visibilidade da região, mas também tem causado questionamentos dos moradores que a interpretam como uma iniciativa que leva incômodos ao lugar, como o aumento na circulação de visitantes e público nos dias do evento e outros fatos.

entre elas os comentários, as interpretações e avaliações que o público realiza. Segundo Dabul, as observações durante exposições em centros culturais, em especial os que atraem grande público, revelam que “conversar talvez seja a prática mais frequente”. Ao abordar os comentários, a autora destaca que:

(...) Por meio deles é estabelecida uma continuidade da arte com diversas outras esferas da vida. Experiências compartilhadas, fatos da vida pessoal a serem relatados, trocas de palavras que constituem ocorrências a acumular no rol de experiências comuns daqueles visitantes são suscitados por muitas coisas, incluindo cores, traços, ideias, técnicas, tamanho, figuras, referentes, menções e tudo mais que possa ser reconhecido num trabalho exposto como artístico. (DABUL, 2008, p.57).

O contato com a arte e a receptividade no Morro da Conceição está além de “ver” as obras de arte ou “fazer parte” de um evento artístico, incidindo em diversos aspectos que incluem a fruição do lugar, as tradições e as memórias dos moradores, a apreciação dos espaços – incluindo monumentos históricos – e as relações e hábitos comuns estabelecidos entre os residentes. De certa forma, o Projeto Mauá nos remete à pesquisa de Alain Quemin (2008) ao acompanhar a edição de 2003 do *Nuit Blanche*¹⁸, um evento de arte que aconteceu durante a noite de 04 a 05 de outubro na França, apresentando ateliês que permaneceram abertos para o público e diversas atrações que movimentaram as regiões contempladas pela ação. O estudo originou o artigo “A arte contemporânea no decorrer de uma noite: um olhar sociológico sobre a *Nuit Blanche* 2013 e

sua recepção pelo público”. Nele, o pesquisador ressalta o sucesso do evento e a participação em massa da população, um número estimado em mais de um milhão de pessoas, que se dirigiram aos locais onde as exposições de arte aconteciam, as práticas coletivas observadas e destaca os possíveis motivos que fez a iniciativa ser bem recebida pelo público.

Em menor grau, o evento se assemelha ao Projeto Mauá em alguns aspectos, como sua gratuidade para apreciar as obras de arte, por aliar a fruição das ações artísticas ao próprio lugar onde estão inseridas e, ainda, por objetivar o aumento no público que acessa a arte contemporânea. Para ele, existe um distanciamento do espectador e acrescenta que eventos desse tipo podem atrair apreciadores, elevando o contato com a arte. Neste sentido, Quemin ressalta que:

Ao ser apresentada a um grande número de pessoas, a arte contemporânea pode se tornar uma realidade não mais hermética ou repulsiva, mas acolhedora, expondo ainda mais sua abertura, que funciona como uma passagem em direção a outras realidades, que se abrem sobre a cidade, sobre seus diferentes lugares e até mesmo sobre outros personagens encontrados durante a noite e com os quais se inicia um contato. (QUEMIN, 2008, p.200-201).

A figura do fotógrafo/pesquisador

Nesta pesquisa partimos da reflexão de que o processo de captura de imagens implica a utilização da câmera fotográfica e o agente que produz a imagem – no caso, o fotógrafo/pesquisador. Nosso foco de interesse são as intervenções da figura desse agente, sua produção na região e o que essa ação suscita neste determinado contexto social, baseado nos textos

“Sobre a natureza da fotografia” e “Esplendor e miséria do fotógrafo”, de Rudolf Arnheim (1989). Embasaremos nossas análises nos escritos do autor, pois ele reconhece a importância da ação e da figura do fotógrafo como alguém que se lança ao campo que estuda e, embora relutante em interferir no cotidiano dos atores sociais, realiza uma intervenção ao participar dos acontecimentos que retrata. No nosso caso, essa ação implica em alterações na sociabilidade dos moradores do Morro da Conceição e na própria figura do fotógrafo que se torna, como apontado por Arnheim, um “intruso”.

Em seus escritos, Arnheim (1989, p.108-109) compara a ação de pintores e fotógrafos que produziram obras de arte em locais públicos. O autor relata que quando um pintor instalava seu equipamento em uma praça, por exemplo, apesar de ser considerado um “intruso” e ter olhares curiosos de quem o encontrava, o ato não era visto como uma interferência na vida do cidadão, pois “as pessoas não sentiam que estavam sendo espionadas ou até mesmo observadas”. O fotógrafo, “intruso” também, possuía o diferencial devido, principalmente, ao seu equipamento – a máquina –, permitindo “capturar a espontaneidade da vida sem deixar qualquer vestígio de sua presença”. Assim, ele aportava no local, retratava o cotidiano sem demonstrar que ali estava, capturando a reação, os instantes e as situações deflagradas naquele contexto.

Essa formulação de Arnheim nos fez refletir sobre procedimentos importantes para nossa pesquisa. O contato com a ação do fotógrafo e a esfera da apresentação do registro fotográfico, ao contrário do que foi proposto por Arnheim, em certa medida aproximou a atuação do fotógrafo a do pintor, ambos “intrusos” que interferem e deflagram reações daqueles com quem interagem durante a produção de seus registros. Em nosso caso, essa experiência no Morro da

Conceição significou continuidade com outras dimensões de nossa pesquisa, voltadas para os modos como os moradores ressignificam o lugar em que vivem, inclusive a arte ali produzida, consistindo, portanto, em mais uma maneira de constatarmos que esses processos também são deflagrados pelos nossos próprios atos.

Desse modo, o processo de ressignificação dos lugares abrange também as intenções do fotógrafo. Em nosso caso, imbuídos dos interesses da pesquisa, estavam atadas à própria visita de espaços apontados por moradores, noutros contextos, como relevantes – isto é, já carregados de sentidos comunicados ao pesquisador. As fotografias, assim, constituem itens da pesquisa, mas, ao mesmo tempo, itens de uma rede de comunicação criada com os moradores e referida não apenas aos interesses do estudo, mas também a áreas muito vivas de suas experiências em seu espaço de moradia.

Nossa experiência apresentou-se como um exemplo dúbio dos nossos papéis ao pesquisar e fotografar o Morro da Conceição. Se de um lado nossa presença reforçou conflitos aos quais os moradores não pretendem se habituar – como a divulgação do turismo no lugar –, e suscitando reações nos residentes, por outro lado nossa ação foi interpretada como um ato que poderia trazer benefícios à região por divulgar a presença de artistas e manifestações culturais do local. Imagens fotográficas são dispositivos propícios à ressignificação devido ao estatuto de imprimir sentidos diversos à realidade fotografada. Como parte da experiência artística, os significados retidos e explorados das imagens influem na percepção, ligando-se à memória – neste caso, de quem mora ou visita o Morro da Conceição – e constituindo um processo contínuo de produção de sentidos.

Os moradores do Morro da Conceição entram em contato com a arte de alguma forma,

avaliam e conversam sobre ela. Neste sentido, a arte contemporânea potencializa essas experiências e, de certa forma, tematiza e se ressignifica continuamente. As ações artísticas se configuraram em atos que irrompem em uma dimensão além da que pesquisamos na academia ou que avaliamos e conversamos quando nos encontramos em museus, galerias, centros culturais, mesas de debates ou, como os residentes da região, sentados em cadeiras nas calçadas de suas casas, na igreja, no espaço ritual de culto às entidades afro-brasileiras, na praça, durante um jogo de dama ou cartas em um bar, nos ateliês e outros locais, acarretando em experiências reflexivas e com desdobramentos.

Nossa contribuição, a partir desse estudo de caso, está voltada à inclusão enfática na pesquisa dos fenômenos artísticos, dos elementos da vida social que fazem com que os indivíduos produzem coletivamente significados para a arte que contatam. Se ela fará ou não sentido para suas vidas, se será ou não apreciada positivamente, o fato é que ela tem a ver com práticas coletivas de ocupação do espaço em que a arte é experimentada, com formas dos indivíduos se

relacionarem com ações implicadas também com nossas experiências e com dimensões relevantes de sua vida coletiva que, às vezes, fogem de iniciativas “não artísticas”.

Referências

- ARNHEIM, Rudolf. *Intuição e Intelecto na arte*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- CAMARGO, Luiz Octávio (orgs.). São Paulo: Senac, 2008.
- CARDOSO, Elizabeth Dezouart et al. *História dos Bairros Saúde, Gamboa, Santo Cristo*. Rio de Janeiro: Index, 1987.
- DABUL, Lúgia. *Conversas em exposição: sentidos da arte no contato com ela*. In: *Arte & Ensaios*, nº 16. CAVALCANTI, Ana, TAVORA, Maria Luisa (orgs.). Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/ Escola de Belas Artes, UFRJ, p.55-63, 2008.
- QUEMIN, Alain. *A arte contemporânea no decorrer de uma noite: um olhar sociológico sobre a Nuit Blanche 2003 e sua recepção pelo público*. In: *Cultura e Consumo. Estilos de vida na contemporaneidade*.